

EDITORIAL

Rascunhos de impressões

Dedicado aos supostos perigos exógenos da decolonialidade e seu fim?

Hoje me pergunto o que a decolonialidade, enquanto expressão e conceito que tem ganhado notoriedade acadêmica, abriga em si. É bem comum que quando um conceito e expressão, e epistemologia e episteme, essas últimas a médio e longo prazo talvez, ganhem repercussão nas instituições acadêmicas e as apropriações que são feitas lhes subtraiam muitos de seus conteúdos e formas. É uma circularidade cultural, e, como outras, a apropriação é feita de um lugar social daqueles e daquelas que passam a utilizar atribuindo-lhe sentidos próprios. Mas há algo de comum nas academias e em discursos oriundos dessas que estão submetidos a diversos procedimentos de controle, que seriam as propagações de seus modismos, normalizações e normatizações, a espetacularização do e da acadêmica, atualmente quase como estrelas e em tempos remotos e distância morais da internet, que sejam ovacionados e ovacionadas e a recepção de seus afazeres sejam aplaudidas e cultuadas, muitas vezes atribuindo-lhes perfeições e brilhanismos?

Estaria aí a decolonialidade ou reprodução de um elemento exógeno a essa que concorre para sua recepção? Devemos nós acadêmicos sermos tratados e tratadas como estrelas? Reconhecimento e aclamação são iguais? De onde vem essas disposições que me parecem coagir a discordância e o debate para formarmos consensos sobre porta-vozes de perspectivas interpretativas que apontam a liberdade, a pluralidade, a diversidade... Não dá para confundir essas últimas com nenhuma perspectiva que atribui exclusivamente aos indivíduos seus destinos racionalizando as formas de existir a partir deste princípio gerador de sucesso, não estamos sós e não fazemos a história como a queremos simplesmente, herdamos sempre do passado e construímos no presente condições de existências.

A pergunta é onde esteve, está ou estará a decolonialidade? Será que efetivamente estamos num caminho de expurgar da gente as colonialidades? Desconfio das instituições e de seus e suas operadoras, sobretudo quando estabelece regras de protagonismos, quando há processos em que constituímos uma aristocracia operária, nos separamos da classe por privilégios às vezes materiais e sobretudo simbólicos. Essa pedagogia não me soa como da

libertação, ou para mim, libertária. Mas isso não me faz reivindicar uma pureza decolonial, seria essa possível? Por princípio do conceito que sempre o tomo como questão, pergunta, problemática, não. Estamos submetidos e operamos uma liberdade relativa diante das razões e colonialidades que se revitalizam constantemente em nossos mundos em sua totalidade. Parece-me, inclusive que a “decolonialidade” se tornou entre muitos e muitas a blindagem, o escudo dos libertos e intelectualmente vinculados e vinculadas a uma velha noção de alta cultura, agora colonizada e que se torna um *souvenir*. Colonizamos tudo, inclusive a decolonialidade. Se culturas pindoramas e africanas dentre outras, pregressas a colonialidade, apontam uma não fragmentação racionalista do mundo, essa apropriação da colonialidade parece ir na contramão. Ela elitiza, segrega, classifica bons e maus intelectuais pelo uso da expressão? Moda é moda, até quem tá de fora é influenciado, já dizia a mulher da Prada.

Por outro lado, o potencial conceitual se tomado como questão aponta para reflexões e buscas relevantes. É forte pro que aponta limites anteriores, mas se trona fraco se fragilizar a totalidade e apenas subtrair em nome de certas posições analíticas e práticas? Um dia olhei pra trás e vi um mundo sem o signo de gênero e raça, sem divisões de classe, e sem propriedades privadas. Isso era antes da colonização e da colonialidade? O imperativo da escrita e suas formalidades, como regras de publicação, qualificação da publicação, competitividade intrínseca e envaidecimentos intrínsecos a este e outros fenômenos que nos tomam na academia, limitam a possibilidade das decolonialidades? Se as formas de fazer sua análise correr publicamente dependem muito mais da adequação a forma e dos enquadramentos de papeis sob o vidro em molduras é mais relevante do que a análise em si, até onde essa autonomia, reconhecidamente como relativa, vai? Se somos induzidos e induzidas a olhar sempre o de fora, o distante (neutralidade) como objeto de análise crítica e nunca a nós mesmos, estamos nos caminhos da decolonialidade? Ou seria um comentário? Uma velha forma de proceder com nova roupagem? A língua escrita já me tolhe e enquadra, não sou habilidoso nem tampouco penso numa forma escrita, penso oralmente, às vezes imagneticamente, mas sem dúvida predomina a oralidade.

Anos atrás decidimos fazer uma revista que são revistas, e em seu princípio, e como revista que reveste, que tem suas formalidades, decidimos também abstrair os Qualis, e logo a CAPES. Publicizar pensamentos, análises, produções de pessoas de formações diversas em etapas diversas foi nosso propósito, sem esquecer de priorizar e fomentar debates sobre o Oeste da Bahia, aquele que tanto é dito ter sido colonizado recentemente. Nunca chamamos nada disso decolonial, assim como historiografias não atribuíram a si essa expressão num

passado mais distante ou menos, ainda que sempre um lugar visto de baixo estivesse lá, predominando ou não nos circuitos intelectuais. Mas seria multicultural a decolonialidade, se separamos o *souvenir*, o jargão, o modismo de seu sentido, ela efetivamente emergiu em vários lugares sem fazer uso da expressão? Se sim, qual seria seu fim?

Diante das questões sobre o fim da decolonialidade, apresentamos novamente, o que seria seu fim? Sua finalidade? Segue então para usos e abusos, exames e críticas, e na 17ª edição da Semana da Consciência Negra de Barreiras mais uma revista, que é para ser vista, revista, revisada, criticada, decolonizada? Não segue aqui neste editorial um resumo de seus textos, pois cada qual é composto de um realizado pelos autores e autoras, eu não faria melhor que eles e elas, mas diria que sem dúvida adorei as leituras e novamente cumpre essa revista um papel sem papel singular no e para o Oeste e todas as outras regiões, e como é comum temos autores analisando lugares, espaços, processos fora do Oeste. Que esta e a SECONBA tenham longa vida, ainda que o desejo fosse que nem precisassem existir ou mesmo que já tivéssemos alcançado a decolonização e seu fim? Seria esse efetivamente nosso desejo?

Com quase nenhuma atenção a escrita,

Diego Carvalho Corrêa¹

¹ Docente do Instituto Federal da Bahia (Barreiras). E-mail: <dccfsa@gmail.com>.